

O BARCO "JUPARANÃ"

SOMBRA

MARÇO

RUBEM BRAGA

A PRESENTO-VÓS um navio que não é dos maiores do mundo: tem 26 metros de pôpa a prôa, e 6 de largura. Está sendo todo pintado de branco; assim ficará mais bonito. Estão sendo arrumados seus 8 camarotes, e também seu bar com uma bôa geladeira. Foi lançado à água em 1926, mas agora está todo renovado, e galante.

Quereis fretar êsse navio e nêle navegar a vossa tristeza e o sonho vosso? Arranjo por 3 dias; e pagareis 800 cruzeiros por dia. Isso inclui, senhor, a lenha para o motor de 80 cavalos, e o pagamento dos 13 tripulantes, inclusive o papo cordial e a cachacinha fornecidos em seu próprio camarote pelo comandante Pedro Pichim. Seu nome, tal como ficou registrado em Moscou, é Pedro Epichim, e assim êle se assina; mas está acostumado a ser chamado de "seu" Pedro Pichim.

O cozinheiro é bom, e não ficareis espantados ao reparar, por exemplo, que o timoneiro às vezes usa um enorme facão de mato pendurado no cinto. Nosso barco é muito florestal. Nêle podereis subir de Regência do Rio Doce

a Colatina e entrar em muitas lagôas, inclusive na maior e mais bela de todas as lagôas de água doce deste imenso Brasil, de água muito clara e muito funda, cercada de floresta imponente, com a ilha do Imperador no meio, tendo uns 32 quilômetros de comprimento e na maior largura uns 5.

Nêsse navio podereis levar, se tendes muitos amigos, até 300 pessoas, e se tendes muitos haveres até 25 toneladas de carga. Aconselho-vos a não levar tanto, pois se é verdade que o "Juparanã" cala, sem carga, apenas 55 centímetros, também é certo que seu casco se afunda na água mais 1 centímetro por 2 toneladas de carga; de maneira que, tendo muito peso, êle perde o que me parece ser seu encanto principal, que é a presteza e graça com que acode ao chamado de qualquer bandeira branca na margem, encostando os peitos no barranco, como pata maternal.

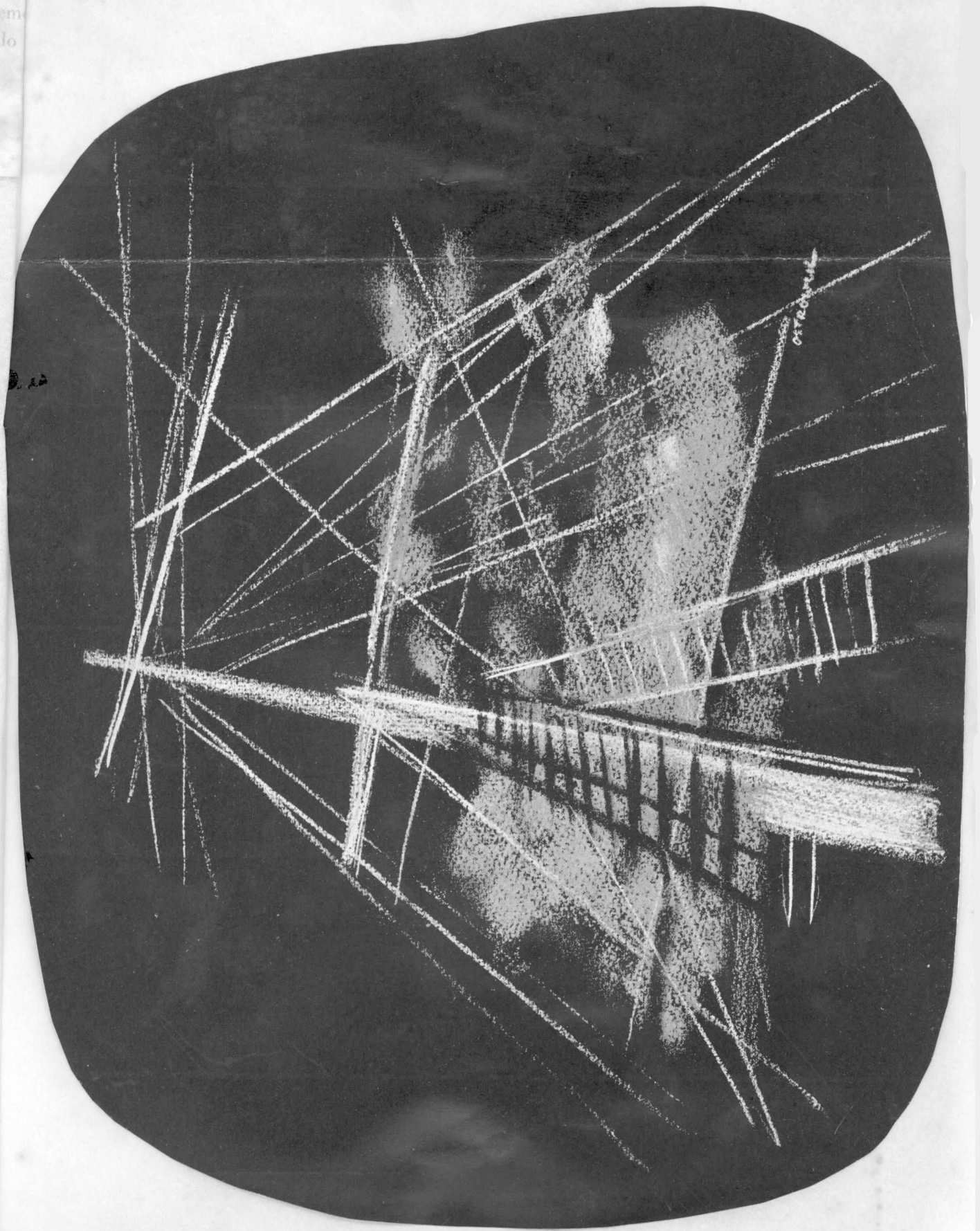
Assim essa viagem de 130 quilômetros desde a Barra até Colatina tem na verdade muito mais do dôbro, não só pelo capricho do canal como pelo bom coração de nosso barco. Às vezes aparece uma bandeira branca à margem direita e outra à margem esquerda; e nem é bandeira direito, é um saco de algodão ou um simples lenço, qualquer farrapo branco chamando, mandando seu apelo da fimbria da floresta escura. E lá vamos costurando o rio, da margem norte à margem sul.

Quando anoitece, basta ao caboclo ribeirinho agitar uma lanterna ou lamparina, um simples tição bem aceso para que o "Juparanã" mude de rumo e, com sua grande roda trazeira batendo como um coração amigo, vá apanhá-lo na barranca humilde. E êle é amigo de suas irmãs menores, essas canôas do Rio Doce, canôas de peroba, cobi, vinhático, cerejeira, oiticica, araribá, seja de 20 metros de comprido e 4 palmos e chave de

"O Homem Branco"

24

o vem
Paulo



OTROVA



...garavam alguns de alto valor
 ...ica de seus conhecidos retratos
 ...dest... em nossos meios so-
 ...as de sucesso exibidas pelo autor
 ...quadros representando monu-
 ...nial brasileira de tradicionais
 ...tina, a exposição de Ismai-
 ...uma



...do brilho... que revestiu,
 ...cita mundano que marcou.

TAÇÕES DE REITAS
 QUOUETS DE NOVA
 LES E COROAS
 COME HAS PELO TI...E

ordem

PH. S. F.

largura, seja canoinha boieira que um menino guia. O canoeiro, do meio do rio, faz um sinal, e êle para, delicado. O canoeiro vem vindo, e agita um papel na mão:

— Firmino, esta carta é para botar no Correio em Colatina . . .

E se o canoeiro viaja, sua canôa também vai. Temos nesta viagem atadas a cada lado seis canôas compridas, e Pedro Pichim me diz que chega a levar trinta em suas ilhargas amigas.

Não é preciso comprar passagem, e fica entendido que em cima é primeira classe e em baixo é segunda. Camarote e comida são pagos em separado. Pedro Pichim, o velho lobo do rio, leva na mão um caderno escolar onde toma nota do nome do passageiro e o preço da passagem: da fazenda “Maria Bonita” até a Fazenda “Bôa Esperança”, êle calcula, por exemplo, 10 cruzeiros. Há 26 anos, desde que êsse navio, vindo da Alemanha, foi montado em Colatina e lançado às águas do rio, que Pedro Pichim o comanda para baixo e para cima — e ajuda a pôr a mesa, oferece manga às damas e ingá às criancinhas, tão cheio de autoridade e tão simplesmente cordial, já com dois filhos homens na tripulação. Antigamente, diz êle que muitas vezes tinha de cobrar passagem de revolver na cinta, (*Continua na pág. 88*)

às vezes mesmo na mão porque algum baiano de máus bofes resolvia fazer carinho no cabo do seu facão de mato e dizer que já tinha pago. “Então paga outra vez porque senão encosto o barco no barranco e você salta”.

Quem sobe da barra e vê, logo acima de Povoação, no lado Norte, uma pequena séde de fazenda fazendo um claro no debrum escuro da mata e pergunta seu nome, lhe respondem: é o “Império da Bôa Vontade”. No dia azul em que esse Império se estender pelo mundo, há de ter, como náu capitânea de sua grande Marinha de Paz o barco “Juparanã”, amigo de todas as bandeiras brancas.

Sombra

4.2.49

4